

A LÍNGUA E A FÉ: ORIGENS DA ESCOLARIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA NO IMPÉRIO LUSO

Rosa Virgínia Mattos e Silva*

RESUMO: Reflexão sobre o processo histórico de escolarização em português, a partir da análise e confronto da *Cartinha*, impressa em 1539, que precede a *Gramática da língua portuguesa*, de 1540, de João de Barros, com a *Cartilha em tamul e português*, impressa em 1554, e com a *Cartilha para instrução dos meninos*, de 1718, publicada em 1722.

Palavras-chave: Lingüística histórica; história da língua portuguesa; escolarização em língua portuguesa.

Una cosa hállo e sáco por conclusion mui cierta: que siempre la lengua fue compan)era del império: e de tal manera lo siguió: que ju)ta mente començarõ. crecieron e florecieron. e despues ju)ta fue la caida de entrambos.

Antonio de Lebrixa (1492, fol. 1, ls. 11 a 15)

Prólogo

Sem dúvida a “máxima afortunada”, palavras de Eugenio Asensio (1991[1974], p.319) de Nebrija será o fio condutor deste sintético artigo sobre um sugestivo tema. Além de ser a língua companheira de impérios – veja-se hoje a hegemonia do inglês, pela via do “império norte-americano” – entre os séculos XVI a XVIII, pelo menos, também a fé, a catequese, acompanhou a expansão do Império Luso.

Neste texto pretendo caracterizar brevemente o contexto histórico-cultural do Portugal de quinhentos (1); analisar, confrontando, a sugestivamente ilustrada *Cartinha*, impressa em 1539, que precede a *Gramática da língua portuguesa*, de 1540 (1971[1539-1540]), de João de Barros, com a *Cartilha em tamul e português*, impressa em 1554 (1970) e, dando um salto de dois séculos, a *Cartilha para instrução dos meninos*, de 1718, publicada em 1722 (Flexor, 2001) (2). Por fim, um epílogo, tentando transferir para tempos recentes o que ocorreu no passado (3).

1 Breve caracterização histórico-cultural no Portugal de quinhentos

Nos inícios do século XVI, começa aos poucos a laicização da cultura letrada, embora não fosse desprestigiado o ensino do latim e da cultura latina. O português inicia o seu percurso como língua de ensino; com isso se incrementam os receptores da escrita vernácula.

Há informações seguras sobre a propagação do ensino em português. Maria Leonor Buescu (1971, p. xxv), baseada no cronista do rei Dom Manuel, Damião de Góis, informa que já em 1504 eram enviados livros para o Congo, entre eles, provavelmente *Cartinhas*. Segundo a mesma autora, em 1512 e 1515, seguem para a Abissínia e para o Oriente novas remessas de livros de que faziam parte *Cartinhas*.

Segundo o historiador Ramada Curto (1998, v. 1, p. 424), Dom Duarte de Menezes, governador de Ceuta, manda duzentas cartilhas, além de outros livros de natureza religiosa, para Goa, Canonor e Malaca. Informa ainda o mesmo historiador que os mestres de primeiras letras, em Lisboa, apontam para um aumento no século XVI: “De trinta ou trinta e quatro em 1551-1552 passam a sessenta nos inícios do século XVII” (*id.*, p. 360).

O mesmo historiador apresenta outro indicador para o uso do vernáculo. Trata-se desse uso entre os juizes de Coimbra que sabiam assinar o nome: “de 1533 a 1567, a percentagem mais elevada é de 9%, enquanto de 1571 a 1581 passam a existir percentagens de 15%, 17% e 20%” (*id.,ibid.*). Em meu estudo *Reconfigurações socioculturais e lingüísticas no Portugal de quinhentos em comparação com o período arcaico* (2002, p. 27-41), desenvolvi mais esse tema.

Outro fator que interessa ao nosso objetivo, refere-se ao fato de se iniciarem, na primeira metade do século XVI, os estudos metalingüísticos sobre a língua portuguesa, com a *Gramática da lingoagem portuguesa* de Fernão de Oliveira – *Cartinha*, *Gramática da língua portuguesa*, *Diálogo em louvor de nossa linguagem* e *Diálogo da viçiosa vergonha* (Buescu, 1971[1539-1540]).

São esses os dois grandes trabalhos que iniciam o percurso da língua portuguesa como língua de ensino, sobretudo a *Obra pedagógica* de João de Barros.

Nas palavras de Eugenio Asensio, hispanista reconhecido, Fernão de Oliveira

Possuía uma mente aguda, um pouco ofuscada pelo seu nacionalismo cerrado e sua combatividade... os foneticistas elogiam suas descrições da pronúncia do português. Oliveira, mais decididamente que Nebrija,

admite que o uso é a lei da língua ...

Conclui Asensio:

Claro que ele mesmo não pratica esses desaforados conselhos, filhos de sua natureza hiperbólica. Conhecia e utilizava tanto gramáticos latinos como italianos e espanhóis (1991[1974]:330) (Tradução minha).

Sobre João de Barros avalia Asensio:

Não rechaça os empréstimos, nem o aborrece a sua herança cultural... Queria desterrar das escolas aquela desatinada pedagogia que ensinava o latim pela *Arte de Pastrana* e pela *Ars* de Estevão Cavaleiro... Como Nebrija vê o papel da língua na cimentação do Império, mas o que mais o comove é seu futuro como instrumento da evangelização (*id.*, p. 332) (Tradução minha).

Assim a língua, o império e a fé já estão conjugados em nosso primeiro gramático prescritivo, ou, nas suas palavras, “preceitivo”.

Segundo Telmo Verdelho, especialista na gramaticografia sobre a língua portuguesa, em recente trabalho:

O latim sustenta a língua portuguesa, por um lado como fonte na adaptação do alfabeto e da escrita e como matriz de recursos inexauríveis no frasar e na recriação lexical, por outro lado, oferece-lhe um convívio instruído por uma tradição teórica antiga e estudadamente aplicada ... especialmente nos manuais de gramática (2001, p. 76).

Essa afirmativa não contradiz o ponto de vista de Eugênio Asensio, sobretudo no que se refere a João de Barros, principalmente na sua *Gramática*, que não é objeto de análise nesta comunicação. Contudo, se observarmos a nossa primeira gramática prescritiva, são frequentes as inferências e as referências que se podem depreender da sua leitura, a gramáticos latinos, como Quintiliano (I séc. d.C), Gélío (II d.C.), Prisciano (VI d.C.), por exemplo.

2 Cartinhas; cartilhas; aprender a ler, escrever, contar e rezar em português no Império Luso

Além de livros e cartinhas, já referidos no item anterior, enviados em 1504 para o Congo e entre 1512 e 1515 para a Abissínia, Telmo Vedelho arrola, com base no historiador Américo Cortez Pinto, as seguintes remessas de livros, entre eles *Cartinhas*:

- 1514 – Vão 2000 cartilhas para o Negus.
- 1512 – Remete-se um caixote de cartilhas para Cochim.
- 1504 – Vão para o Congo Mestres de Ler e muitos livros.
- 1490 – Expedição para o Congo em que vão muitos livros e dois Impressores.
- 1488 – Expedição de Mestre Álvaro, com muitos livros eclesiásticos e morais (*id.*:80).

Ainda acrescenta, com base em Fernando Castelo Branco, que “algumas centenas de *Cartinhas* para o Oriente até 1521, e cita a carta de Afonso de Albuquerque de 1512, onde se fala de uma arca de cartinhas (*id. ib.*).

É com razão que Telmo Verdelho comenta que constituíram as “artes de aprender a ler e escrever” os primeiros *best-sellers* do negócio editorial português.

Maria Carlota Rosa, lingüista brasileira, em comunicação à ANPOLL de 2002 – *Cartinhas e cartilhas: a introdução à leitura no século XVI* – diz que “um dos legados dos quinhentos português é um tipo de literatura didática que mesclava os interesses das matérias tocantes à fé e ao ensino da leitura” (p. 111). Arrola a autora: quatro cartinhas anônimas e sem data, uma anônima, mas datada de 1534 e, por fim, a de 1539, que é a de João de Barros. Todas impressas em Portugal e uma das anônimas e a de 1534, impressas em Lisboa por Germão Galharde, que, como se sabe, é um dos primeiros impressores estrangeiros, que vivia em Portugal.

2.1 Cartilha em tamul e português

Essa *Cartilha* foi impressa:

per Germão Galhardo impressor d[e] sua A[lteza] aos ii de feureiro. anno de mil quinhe)tos e cincoenta e quatro ãnos. Laus deo.

É o que se lê ao final da *Cartilha*. Na portada lê-se:

Cartilha que conte) brevemente ho q# todo christáo deve apre)der pera sua saluaçom. A qual el rey don Joham Terceiro deste nome nosso senhor mandou imprimir e) lingoa Tamul e Portugues cõ ha deçraçaam do tamul per cima de uermelho.



Fac-símile reduzido da portada da *Cartilha*

Depois do *Prólogo* ao rei segue-se o abecedário, com os seguintes sinais ou letras:

A. a. b. c. d. e. f. g. h. i. k. l. m
n. o. p. q. r. s. t. v. u. x. y. z.

A seguir estão dois silabários: o primeiro constituído por sílabas formadas por consoantes e vogais orais e o segundo de sílabas formadas por consoantes e vogais nasais (a nasal representada por *m* ou *~*).

Logo segue a “doutrina Xpão” [cristã].

Inicia-se a doutrina cristã com uma série de perguntas e respostas. Exemplificarei apenas com a primeira:

“Pregu)ta. Uos christam sois?” Sob a linha da pergunta o mesmo em tamul. “Resposta. Si”, com a palavra correspondente em tamul.

Depois das duas primeiras perguntas, “Segue-se ho sinal da cruz”, em latim, português e tamul. Continuam as perguntas, seguidas de orações. A primeira, como seria de esperar, é o “*Pater Noster*”; outras perguntas e respostas e “Segue-se ha Aue Maria”. Entremesiam-se assim pergntas e respostas e orações, pela ordem: “Ho Credo”; “Ha Salue Regina”. Na seqüência estão:

Segue-se os quatorze artigos da fee
Segue-se os mãdame)tos da ley
Segue)sse os sacramentos da sancta madre igreja catholica
Segue-se as sete virtudes contra estes sete peccados mortaes

Segue)se as obras de misericórdia
 Seguen)se os inimigos da alma
 Seguesse a confissão.

Finalizam a *Cartilha* o “Introito” e o “Confiteor”, em latim e com que deve todo cristão fazer pela manhã e à noite (rezar o *Padre Nosso*, a *Ave Maria* e fazer o sinal da cruz) e também o que deve fazer antes e depois de comer (benzer-se, rezar o *Padre Nosso* e a *Ave Maria* e dar graças a Nosso Senhor).

Embora na *portada* esteja dito que em vermelho está o correspondente em língua tamul, de fato, a vermelho está o português; não pretendo fazer aqui uma descrição codicológica ou paleográfica da *Cartilha*, vale ressaltar que há ainda um jogo de cores estético a preto e vermelho em toda ela e, ainda, há gravuras cuidadas referentes ao conteúdo do que chamarei, generalizadamente, de “orações”.

Como se pode verificar pela breve descrição, a *Cartilha* é, de fato, um catecismo, destinado aos missionários, que iam para o sul da Índia, onde a língua tamul era, naquela época, a mais usada pela maioria da população local (cf. *Introdução* à edição da *Cartilha*, p. 24).

2.2 A *Cartinha* de João de Barros

Na *portada* da *Gramática* de João de Barros, na sua parte inferior está: *Grammatica da lingua portuguesa com os mandamentos da santa mãe igreja*. Segue a *Táboa do que se contém neste livro*. Essa *táboa* ou sumário inclui o que contém não só a *Cartinha*, mas o conjunto da *Obra pedagógica*.

Vou aqui me restringir ao que se refere à *Cartinha* na *táboa*:

Introduçam pera brèvemente aprender a ler.
Pater Noster e *Ave Maria* em latim e em linguagem.
Credo em latim e linguagem.
 Divisám destes artigos da fé.
Salve regina em latim e linguagem
 Os X Mandamentos da Lei e os V da Igreja.
 Os sete sacramentos da Igreja.
 As XIV obras da misericórdia.
 As virtudes teologas e moraes.
 O dões e frutos do espírito Santo.
 Os inimigos da alma e os V sentidos.
 Os pecádos mortáes e as virtudes contra eles
 A bênçã das mesas e as graças.
 Tratádo da missa.
 Ôrãçã à hostia e ôrãçã ao caliz.
 As orações *Obsecrote* e *Juste Judex*.
 Evangélho de sam Joám e o *Quicumque vult*.
 Os dias de jejuár e guardár, com as IV têmporas (Buescu 1971[1540], p. 238).

A *Cartinha* é dedicada “ao muito alto e exçelente príncipe Dom Felipe nósso Senhor” (*id.*, p.239). Na *Introduçã pera aprender a ler* (*id.*, p. 241-250) se apresentam as letras do alfabeto, com gravuras dos referentes cuja designação se inicia por cada letra do alfabeto (ao *a*, a gravura é a de uma árvore, por exemplo).

As letras assim ilustradas são:

a, b, c, d, e, f, g, h, i, l, m, n, o, p, q, r, s, t, v, u, x, Z.

Note-se que, diferentemente do abecedário da *Cartilha* antes analisada, João de Barros não apresenta dois tipos de <r> nem <s> nem de <z>. Como a outra, não apresenta o <j>, apenas o <i>.

A seguir João de Barros apresenta: “Outro ABC que temos em que [há] algu)as lêtéras dobrádas / a á a b ç d é e f g h j i y k l m n ó o p q r r s ç t v u x z /. Dêstas trinta e u)ja lêtéras, oito sérvem de vogáes: á a é e i ó o u.” Na seqüência está o “Módo de compoer as sílabas com duas e com três e com quatro lêtéras”, ilustrado por um círculo, em que no seu bordo externo está escrito “Meninos sa)ei nesta espera em)trar sabereis syllabando muybem soletrar” (*id.*:243).



Fac-símile extraído de Buescu (1971, p. 243)

Entra-se na “esfera”, que provavelmente seria um instrumento pedagógico, talvez móvel, em direção a um centro, por triângulos agudos em que estão sempre, curiosamente, as letras <l m r s> [que ele designará de semi-vogais na sua ortografia (*id.*, p. 373)]. Entre esses triângulos há combinações de consoantes e vogais. A “esfera” sugere movimento e possibilidades combinatórias. Teria existido esse objeto para que “syllabando muybem” se aprendesse “solettar” e ler?

A seguir, com caracteres usuais, apresenta “Silabas per ajuntamento de duas lêteras” e “de três lêteras”, em esquemas, por exemplo:

B	a	B	a	
	e		e	
	i		i	m
	o		o	
	u		u	

e assim até à consoante <Z>.

Apresenta ainda: “Outra maneira de sílabas de três lêteras a meia das quáes é líquida”, por exemplo:

Br	a
	e
	i
	o
	u

“Sílabas por agrupamento de quatro letras”, por exemplo:

	a	
	e	
Gr	i	m
	o	
	u	

“Outra maneira de sílabas ditongadas”, por ex:

	a	
	e	
B	i	u
	o	
	u	

“Outra maneira de sílabas próprias da língua portuguesa, que são formados de <ch, lh, nh> seguidas de vogais” (*id.*, p. 244-250).

Da página 251 à 288, tem-se o desenvolvimento do que está na “táboa”, com o título geral de: “Preceitos e mandamentos da igreja com algumas doutrinas católicas em que os meninos devem ser doutrinados”.

Apenas ao finalizar é que se encontra a designação *cartinha*:

... acaba-se a Cartinha, com os preceitos e mandamentos da Santa Mãre Igreja ... comprida ... per autoridade da Santa Inquisiçam, em cása de Luis Rodriguez ... aos XX de Dezembro de 1539 anos (*id.*, p. 290).

Comparando-se, sinteticamente, a *Cartilha* bilingüe e anônima tamul/português e a *Cartinha* de João de Barros, salta logo à vista a maior elaboração lingüístico-pedagógica desta, além da qualidade gráfica e, por que não dizer, a imaginação didática do erudito quinhentista que foi João de Barros. Também se apresentam mais elaborados o que chamarei de princípios de iniciação à doutrina cristã. Ambas, contudo, dão mais peso ao catecismo que à alfabetização. Parece-me.

2.3 Uma cartilha da primeira metade do século XVIII

Seguirei aqui o artigo da historiadora Maria Helena Flexor (2001, p. 97-157). Entre as *Instruções* de 1759 emanadas do Marquês de Pombal, destaca a referida historiadora as enviadas à Capitania de Pernambuco, que trazem em anexo uma cartilha, decorrente da obrigatoriedade do uso da língua portuguesa nos núcleos coloniais.

A *Cartilha* que transcreve Maria Helena Flexor tem seu original no Arquivo Histórico Ultramarino (Pernambuco, s.d. cx. 59, doc. s/n. ms.). Nas suas palavras:

É uma cartilha simplificada, destinada a facilitar o ensino aos índios, não esquecendo as instruções da doutrina cristã, misturadas em meio às regras gramaticais. Obedecendo a instruções, adotava-se o “livro de Andrade”, isto é, de Manoel de Andrade Figueiredo (1722, 156p.), escrito em 1718 e publicado, depois das devidas licenças, em 1722 (*id.*, p. 104-105)

Não dispondo essa *Cartilha* de uma “távoa”, como a de João de Barros, palmilharei esta *Cartilha e Catecismo*, de maneira sintética.

Inicia-se com o que chamarei de título: “Breve instrucção, para ensinar Doutrina Christáa, Ler, e escrever aos Meninos; e ao mesmo tempo os principios da Lingoa Portugueza e sua Orthografia (cf. p. 105).

Seguem-se o alfabeto em “letras correntes Romanas”, em “Letras Capitáes Romanas” e “As Sinco Letras vogaes” (mas apresenta seis): A, e, i, o, u, y”. A propósito da sílaba, está: “Cada huá das Letras vogaes forma por Si Sô, huá voz, ou huá Silaba. O y Grego naó he mais, que o i vogal, ou Latino”. Continua: “letras abreviadas (ã) significa am, (ê) em (í) im (ô) om (ú) um”. Sobre os “tres accentos, Este accento ´, se chama agudo. Este, ~ se chama grave. Este ^ Circumflexo”. Sobre o apóstrofo diz: “Esta figura (´) se chama apostrophe, e posta entre duas Letras, serve d’hú à, ou d’ê L’a, L’e, L’i, L’o, L’u e &r”; “esta figura (-) se chama divizaó (p. 105-106).

Sobre “Pontuaçoens. Esta figura (,) se chama virgola. Esta figura (;) se chama ponto, e virgola. Esta figura (:) se chama dois pontos. Esta figura (.) se chama ponto. Esta figura (!) Se chama admiração. Esta figura (?) se chama interrogação. (p. 106). Será que essa nomenclatura, sem explicar a sua função, funcionaria para aprender a ler e, sobretudo, escrever?

Volta às sílabas e arrola as “de duas Letras” (ba, be, bi, bo, bu etc.); “de tres Letras” (bla, ble, bli, blo, blu ... stá, sté sti, sto, stu ... vra, vre, vri, vro, vru ... fam, fem, fim, fom, fum etc). Sem maiores explicações, encontra-se: “Estaes já isntruídos nas Silabas, he percizo que entreis com disvello a ajuntalas, e a formar os nomes”. Seguem exemplos de nomes próprios para homens, “de mulheres” e “de Cidades” (p. 107-108).

Das página 108 à 112 estão os deveres dos mestres. Os “Mestres das Escolas” devem fazer, para formar seus discípulos, no “Santo temor de Deos, da Obediencia ao Rey, e aos Seus Ministros Respectivos; do amor, e Respeito aos nossos mayores, do affecto necessario à patria, e aos interesses da Monarquía” (pag. 108).

Para tanto devem os mestres: “ser tractaveis, brandos, e modestos com os Discípulos” ... devem “Colocar nas Eschólas huá imagem de hum Santo Crucifixo”... “He preciso ensinarlhe o Padre Nosso ... Como tambem Ave Maria ... Passaráo depois ... a ensinar o Credo” ... “Symbolos da fê [que] sam quatro” ... que cousa he a essencia divina” ... “Ensinaráo os Mestres aos meninos o acto da Contricção” ... “taóbm a confissáo” ... “Depois lhe devem ensinar os des preceytos do Décálogo” ... “depois ... lhes ensinem a virtudes Theologaes” ... “Devem agora ensinar os Sacramentos da Santa Madre Igreja” ... “Devem ... ensinar os peccados mortaés” ... “Também deve ensinar os Novicimos do homem, que Saó quatro: Morte, Juizo, Inferno, e Parayzo” ... “Ensinem lhe ultimamente os Artigos da fê, que Saó quatorze” ... Devem ter os Mestres grande Cuidado em persuadir a Seus Discípulos a veneração, que devem ter ás Cruzes”. Por fim os deveres antes de deitar, antes de se assentarem à mesa, depois de comer.

A cada um desses deveres cristãos, seguem-se longas explanações para os mestres, a fim de persuadirem seus discípulos a seguirem os preceitos cristãos. Persuadiriam?

Da página 122 à 154, voltam os ensinamentos, agora de natureza gramatical: as classes de palavra (“o articulo, o nome, o pornome, o verbo, o partecipio, o adverbio, a porpozição, a Conjunção a Intergeição”), cada uma delas definidas e exemplificadas. Dedicar-se a seguir ao nome (substantivos e adjetivos, seus números e casos). Apresenta-se a seguir toda a conjugação em tempos e modos, tanto a ativa como a passiva e ainda os verbos defectivos. Por fim trata dos “accentos”, do “Apostrofe”, do Vso das Letras Capitae, ou Letras grandez”. E assim termina a “Breve instrucção” da época pombalina, que, segundo Flexor, como visto no início deste subitem, destinava-se aos índios. Só podemos dizer: pobres índios! Com tantos deveres, impossível, a meu ver, tornarem-se cristãos que era a meta principal da “Breve instrucção”.

Epílogo

Ou melancólico epílogo!
O que se quis mostrar foi:

- a tradição de ensino do vernáculo no Império luso se manteve do século XVI a, pelo menos, o século XVIII.
Ou seja: ensinar a língua portuguesa imbricada ao ensino da doutrina cristã.

Diria que essa tradição se manteve até, posso afirmar, meados do século XX, uma vez que a sofri tanto no então chamado Curso Primário como no Curso Ginásial, neste já não se ensinava “Catecismo”, mas havia “Aulas de Religião”, é verdade que como disciplinas independentes do ensino do português que seguia, poderia dizer, o modelo da tradição iniciada, na área lusa, por João de Barros.

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, já dizia Camões ao findar o século XVI. Quanto ao ensino do português, a meu ver, novas “vontades” começam a aparecer ao findar o século XX. Serei otimista? Mas isso já é outro tema, outra história!

BIBLIOGRAFIA

ANÔNIMO (1970[1554]). *Cartilha em tamul e português*. Edição fac-similada com preâmbulo de D. Fernando de Almeida. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

ASENSIO, Eugenio (1991[1974]). *La lengua compan)era del imperio: historia de uma idea de Nebrija em Espan)a y*

- Portugal. In: CASTRO, Ivo *et al.* *Curso de história da língua portuguesa: leituras complementares*. v. II. Lisboa: Universidade Aberta. p. 317-335.
- BARROS, João de (1971[1540]). *Gramática da língua portuguesa: cartinha, gramática, diálogo em louvor de nossa linguagem e diálogo da viçosa vergonha*. Lisboa: Publicações da Faculdade de Letras de Lisboa.
- CURTO, Ramada (1993). Língua e memória. In: MATTOSO, José (org.). *História de Portugal*. v. III. Lisboa: Círculo de Leitores. p. 357-373.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi (2001). Aprender a ler, escrever e contar no Brasil do século XVIII. *Filologia e Linguística portuguesa* (USP/FFLCH), 4:97-157.
- LEBRIXA, Antonio (1976[1492]). *Tratado de gramática*. Salamanca. Edição fac-similar. Madrid: Erpasa-Calpe, s/a.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2002). Reconfigurações socioculturais e lingüísticas no Portugal de quinhentos em comparação com o período arcaico. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia; MACHADO FILHO, Américo (orgs.). *O português quinhentista: estudos lingüísticos*. Salvador: EDUFBA/UEFS. p. 27-41.
- OLIVEIRA, Fernão de. (2000[1536]) *Gramática da linguagem portuguesa*. Edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeus Torres e Carlos Assunção. Lisboa: Academia Portuguesa de História.
- ROSA, Maria Carlota (2002) Cartinhas e cartilhas: a introdução à leitura no século XVI. *Livro de resumos*. Porto Alegre: XVII Encontro Nacional da ANPOLL. p. 11-12.
- VERDELHO, Telmo (2001). Um remoto convívio lingüístico: tradição teórica e herança metalingüística latino-portuguesa. In: MATEUS, Maria Helena Mira (org.). *Caminhos do português*. Lisboa: Biblioteca Nacional. p. 74-102.

ABSTRACT: A reflection of the historical process of Portuguese teaching, from the observation and confrontation of three old documents: *Cartinha*, written by João de Barros and printed in 1539, *Cartilha em tamul e português*, appeared in 1554, and *Cartilha para instrução dos meninos*, written in 1718 and published in 1722.

Keywords: Historical Linguistics; Portuguese Language History; Portuguese teaching.

* - Univerisdade Federal da Bahia/CNPq/Grupo PROHPOR.